

No trabalho eles comiam  
 Quando regressavam a casa  
 Então juntavam e dormiam

Um dia quando a mulher  
 Não ponde almoço levar  
 Eles estavam no serviço  
 Sem terem o que almoçar  
 Assim que deu meio-dia  
 Foram todos descansar

Dizia o filho mais velho:  
 — Eu queria hoje achar  
 Uma sôpa de verdura  
 Para esta fome matar  
 Um pão de milho com vinho  
 Que eu comesse até fartar

O segundo filho disse:  
 — Eu agora só queria  
 Uma perna de carneiro  
 Assim me satisfazia  
 Uma sobre-meza de frutas  
 Que hoje mais nada eu comia

Disse o mais moço dos 3:  
 — Minha cousa desejada  
 Era que fosse ao paiz  
 Lá da princeza encantada  
 Deitar-me no colo dela  
 Não desejava mais nada

O velho quando ouviu isso  
Exclamou: ehl mal creado  
Me faltas com o respeito  
Estais hoje insubordinado?  
Deu-lhe então com o bastão  
Que estava ali encostado

Então o rapaz correu  
Pelo mundo a procurar  
Um paiz muito distante  
Onde o pai não o fosse buscar  
Então nas quintas do rei  
Foi que ponde se empregar

O rei tinha duas pedras  
Na corôa imperial  
Perdeu uma e não achou  
Outra que fosse igual  
Já tinha gasto por isso  
Uma soma colossal

Moisaniel éra o nome  
Do turbulento rapaz  
Já decorriam dois anos  
Que tinha deixado os pais  
Vivendo em paiz estranho  
Em atribulações fataes

O rei tinha um barbeiro  
De alma muito infiel  
Egoista e ambicioso;

Facinoroso e cruel  
Levantou uma calunia  
Ao pobre Moisaniel

Disse a sua magestade  
Que Moisaniel dizia  
Saber bem aonde tinha  
A pedra que o rei queria  
Mas não gostava do rei  
Por isso não a trazia

O rei o mandou chamar  
Lhe disse: vá procurar  
Outra pedra igual aquela  
Se caso não encontrar  
Depois que chegar aqui  
Eu lhe mando degolar

Saiu ele muito triste  
Por uma dezerta estrada  
Sem saber aonde fosse  
Ver a pedra dezejada  
Fol parar casualmente  
Na dita serra encantada

Passou com muito trabalho  
A cerca da pedraria  
Chegou a margem do rio  
Que da montanha descia  
Deitou-se ali sobre a relva  
Enquanto a lua saía.

Estava pensando na vida  
 Quando viu-se aproximar  
 Um veado todo branco  
 Vir a seus pés se curvar  
 Dizendo: minha senhora  
 Disse que fosse ceiar

Perguntou ele ao veado:  
 Quem é a tua senhora?  
 Respondeu-lhe: é prahibido  
 Dizer quem é, nem onde mora  
 O veado entrou no rio  
 Atravessou e foi embora

Ele ahĩ ficou pensando:  
 Quem é aquele veado?!  
 E que mulher seria essa  
 Que mandou-me este recado?  
 Depois lhe veio a mente  
 Que era o reino encantado

Olhando aquela montanha  
 Tão solitaria e deserta  
 Via uma furna de pedra  
 De boca enorme e aberta  
 Ouvia gritar lá dentro:  
 —As armas sentinela, alerta!

Ele olhando p'ra furna  
 Ouvia uma voz lá dentro  
 Que disse: Moisaniel

Vem pernoitar aqui dentro  
 Disse ele receioso:  
 — Demore que eu já entro!

Surgiu na boca da fumaça  
 Um lampeão de cristal  
 Adiante outra lampada  
 Sobre um mesão de metal  
 Escrito em letras de ouro:  
 «Gabinete imperial»

Adiante noutra sala  
 Tinha uma lampada acesa  
 Dez jarros de pedra fina  
 Com flores da natureza  
 Um quadro onde tinha escrito:  
 — «Guarda Deus sua alteza»

Aí uma voz lhe disse:  
 — Preste aqui toda atenção  
 Que nesta sala sublime  
 Tudo aqui tem perfeição;  
 Ele viu em madriperola:  
 — «Sala para a refeição»

Tinha um mesão de marfim  
 Com um rico toalhado  
 Uma cadeira de estufa  
 Um talher de ouro lavrado  
 Com a maior perfeição  
 Que já se viu no passado.

Moisaniel olhou tudo  
Um só vivente não viu  
Quando uma voz feminina  
De junto dele saiu  
Deu-lhe uma pedra dizendo:  
— E' esta a que o rei pediu

Desembrulhou aí mesmo  
Um cofrinho de platina  
Tinha uma pedra embrulhada  
Num lenço de purpurina  
Com um cartão, que se lia:  
«Princesa da Pedra Fina»

— Moisaníel vá dormir...  
A mesma voz lhe dizia  
Entrou ele para um quarto  
Do maior luxo que havia  
Aí sentiu um contacto  
De corpo que ali não havia

Ainda viu uma mão  
De uma cor alabastina  
Uns olhos grandes e vivos  
De uma luz diamantina  
Viú escrito nos lençores:  
«Princesa da Pedra Fina»

Disse-lhe a voz vizível:  
— Levanta-te que já é hora  
Antes de dar meia noite

Tu ti has de ir embora  
 Já mandei ver um onagro  
 Que val-te botar lá fora

Não importes o que ouvires  
 Nada tens que responder  
 Não faças pergunta alguma  
 Sob pena de morrer  
 Faça o que estou dizendo  
 E nada ha de te acontecer

E' prohibido eu te dizer  
 O quanto isto aqui é serio  
 Apenas digo esta serra  
 Já foi soberbo imperio  
 Porem inda não é tempo  
 De descobrir-se o misterio

Tornou a dizer-lhe a voz:  
 Monta-te e deixa esta terra...  
 O onagro saiu com ele  
 Depois que desceu a serra  
 Ouviu zoar meia noite  
 E tocar caixa de guerra

Quando o dia amanheceu  
 Já ele tinha chegado  
 Foi para seus aposentos  
 Pousar que estava cansado  
 Pois o barbeiro pensava  
 Que ele seria degolado

Dormiu até as 10 horas  
As 11 se levantou  
Deu um passeio pela rua  
Foi ao hotel almoçou  
Depois disse: vou levar  
O que o rei me encomendou

Pediu licença e subiu  
Já com a pedra na mão  
O rei quando viu a pedra  
Cauzou-lhe admiração  
Então perguntou ao rei:  
— Será esta a pedra ou não?

E' esta, disse-lhe o rei  
Estou-lhe muito obrigado  
Lá no tesouro já tem  
Um dinheiro separado  
Vá receber dois milhões  
Em paga do seu achado

O barbeiro que estava  
Toda conversa escutando  
Ouviu o que o rei disse  
Saiu em brasas pisando  
Dizendo com seus botões:  
— Seria bom me enforcando

Então poz-se a estudar  
O que devia fazer  
Estudou outra calúnia

Que não deixava de ser  
O plano mais acertado  
P'ra Moisaniel morrer

Como um traçoelro  
Um plano muito nefando  
Espumando enraivecido  
Ele foi logo estudando  
P'ra convencer ao rei  
Q'o moço estava enganando

Foi a presença do rei  
Pedindo a pedra p'ra ver  
Examinou-a depois disse:

Vessa alteza pode ter  
Certeza de que é bôa  
Mandando-o outra trazer

E examinando a pedra  
Disse o barbeiro: é bôa  
Ficava melhor com outra  
Bem no centro da corôa  
Só tendo as duas na frente  
A cravação fica atôa

Continuou o barbeiro:

Sua real magestade  
Obrigue ele ir ver outra  
Desta mesma qualidade  
Diz ele qu'onde achou esta  
Deixou grande quantidade

E tanto iludiu ao rei  
Que este mandou chamar  
Moisaniel e lhe disse:  
— Você tem que arranjar  
Outra pedra como esta,  
Morrerás se não achar

Moisaniel ficou triste  
Sem saber o que fizesse  
Tornar a serra encantada  
Desse o caso no que desse  
Depois dizia consigo:  
Quem sabe o q' me acontecel

Se eu não for procural-a  
O rei manda me matar  
Se eu for a serra encantada  
Estou no risco de encontrar  
Qualquer fenomeno ali  
Que venha me liquidar

Porem minha sorte é esta  
Já vê que ha de ser cumprida  
Pelo carrasco da morte  
Minha sentença foi lida  
Me largarei pelo mundo  
Buscando a morte ou a vida

Não consultou a ninguem  
Por onde devia seguir  
Dizia consigo mesmo:

Pelo caminho que seguir  
Ainda errado ou certo  
Ando até me concluir

Então ahí se largou  
Por uma dizerta estrada  
A noite deu numa casa  
Que estava desabitada  
Uma voz lhe perguntou:  
— Que vens ver nesta morada?

Disse ele: venho perdido  
Não conheço estas estradas  
Então uma voz lhe disse:  
— Este sitio é de 3 fadas  
Aqui existe um enigma  
E coizas bem reservadas

Ahí veiu uma mulher  
Perguntou-lhe: onde estáis?  
Por uma pequena asneira  
Tú despresaste teus pais  
Andas metido em segredo...  
Fortuna não terás mais

Foste tú o cavalheiro  
Que foi a serra encantada?  
Que recebeu um presente  
De uma pedra desejada?  
De uma mão invezível  
Que ficou apaixonada?

Disse ele: foi eu mesmo  
Que recebi um presente  
Daquela mão bemfeitora  
Que encontrei casualmente  
Ela livrou-me da morte  
Que me esperava cruelmente

Disse a maldita mulher:  
— Faça-se disto esquecido  
Aquela mão encantada  
Que tanto tem te iludido  
Será ela toda origem  
Para seres destroido

E lhe disse: venha cá  
Veja, não trôe as pisadas...  
Entrou com ele num quarto  
Mostrou-lhe ali 3 espadas  
E lhe disse: isto aqui  
São 3 irmãs encantadas

A mulher quiz encanta-lo  
Em um animal glutão  
Mas não poudo, porque ele  
Tinha um sino Salomão  
Que não havia esse magico  
Que nele possesse a mão

Depois lhe disse a mulher:  
— Não prosiga esta jornada  
Fique aqui, nós o guardamos

E não lhe faltará nada  
Com a condição de você  
Não ir a serra encantada

Moisaniel ahí pensou  
Depois da fada ir embora:  
Não devo ficar aqui  
Hei de sair mesmo agora  
Me considero perdido  
Não devo ter mais demora

Seguiu por um vasto campo  
Era um deserto esquisito  
Não havia um arvoredó  
Que se dissesse: é bonito  
Se via lá uma ou outra  
Estrela no infinito

Tinha terminado a noite  
O dia vinha rompendo  
Quando ele achou um leão  
Prostado no chão gemendo  
Com um tiro de um caçador  
A fera estava morrendo

Ele chegou-se ao leão  
Deu-lhe agua ele bebeu  
Tirou a carne que trazia  
Deu a fera ela comeu  
Depois buscou uma sombra  
Fez um fogo e o aqueceu

Ao cabo de quatro dias  
Chegou a serra encantada  
Passou a cerca de pedra  
Seguiu por uma esplanada  
Da comida que trouxera  
Não lhe restava mais nada

Chegando a margem do rio  
Na campina se deitou  
Adormeceu de repente  
E com uma joven sonhou  
Cuja visão deste sonho  
Do letargo despertou

Ele despertando ali  
Inda viu uma figura  
Como não julgou q' houvesse  
Corpo de tanta candura  
Perguntou ele a si proprio:  
— Quem fez tanta formozura?

Seria Deus a propózito  
Que fez aquella deidade!...  
Só Deus pode fazer um ente  
Com tamanha raridade  
Um anjo que pode ter  
Vinte e dois anos de idade

Então perguntava ele:  
— Quem és tú linda menina?  
Humana sei que não és,

Serás miragem divina?  
Disse ela: sou a princeza  
Do reino da Pedra Fina

Entra para a mesma sala  
Onde tivesse outro dia...  
Ele passou todas as salas  
Que dentro do reino havia  
Adiante deu num salão  
E a mesma voz lhe dizia:

Te aproxima desta mesa  
E faz tua refeição...  
Tinha muitas iguarias  
De frutas, vinhos e pão  
Viu a sombra d'um copeiro  
A sua disposição

Disse-lhe a voz invizível:  
— Nada deves perguntar  
Como também eu a ti  
Não posso nada explicar  
Tua fortuna está perto  
Não custa muito á achar

Toma a pedra que o rei pede  
Entrega-lhe e vem embora  
Pega um onagro, montas nele  
Que irá deixar-te lá fora  
Lá pedes licença ao rei  
E voltes sem ter demora

Voltou ele com a pedra  
 Deu a sua magestade  
 E disse: quero licença  
 Para deixar a cidade  
 Estou pronto p'ra servir-o  
 Em qualquer necessidade

E saiu sem ter demora  
 Foi ter na casa das fadas  
 Elas não estando presente  
 Ele roubou as espadas  
 Porque uma disse a ele  
 Que eram moças encantadas

Assim que ele fez o roubo  
 Saiu dali escondido  
 Correu a noite e o dia  
 Pelas fadas perseguido  
 Encontrou-se com o leão  
 Que tinha achado ferido

O leão saiu com ele  
 Para ninguém ofendel-o  
 Uma fada vinha atraz  
 Passou e não ponde vel-o  
 Porque o leão deitou-se  
 E cobriu ele com o pelo

No pé do monte encantado  
 Aí o leão ficou  
 E pela cerca de pedra  
 Com toda pressa passou  
 A fada que vinha atraz  
 Vendo ele entrar, voltou

Quando ele avistou o rio  
As 3 espadas teniram  
Rufiou tambor na montanha  
Muitos foguetes subiram  
O rio parou as aguas  
E todas pedras sorriram

Ahi chegaram 3 moças  
Que inda vinham encantadas  
Ele viu destintamente  
Dessas 3 recém-chegadas  
Umbras que sahindo  
Desmanchou-se as 3 espadas

Se sumindo as 3 espadas  
Tres moças se apresentaram  
Todas a com cortezia  
A ele cumprimentaram  
Dizendo: nestas espadas  
Tres fadas nos encantaram

Então as moças disseram:  
Estamos desencantadas  
Porque os nossos misterios  
Estavam nestas espadas  
Que a mais de 3 mil anos  
Estavam em poder das fadas

As fadas tambem levaram  
Daqui, o cetro real  
A corôa de meu pai  
Tambem levaram afinal  
Apareça o desencanto  
Que cessa aqui todo mal

Mas isto está tão oculto  
Que ninguém pode encontrar  
As fadas esconderam tudo  
Para ninguém mais achar...  
Moisaniel disse: eu vou  
Fazer gelto de encontrar

Saiu adiante encontrou  
A' tribulação de um rato  
Que já estava quase morto  
Nas presas d'um grande gato  
Ele tomou o ratinho  
E foi soltal-o no mato

Então o rato lhe disse:  
Se precisares de mim  
Chega ao pé deste monte  
E basta dizeres assim:  
— Ai de mim, rato das Neves  
Serás servido por fim

Adiante estava um tatú  
Entre trez pedras morrendo  
Ele tirou as 3 pedras  
Que peso estavam fazendo  
E lhe disse: vá embora;  
O tatú saiu correndo

Depois o tatú parou  
E disse: se você cair  
Em qualquer tribulação  
Vendo que o posso servir  
Chame por mim neste campo  
Que não tardarei a vir

Depois achou um carneiro  
 N'um rio se afogando  
 Entrou n'agua e tirou' ele  
 E disse: fique pastando  
 Eu tambem sou como tú  
 Ando no mundo vagando

Então lhe disse o carneiro:  
 Se algum dia precisar  
 De mim, para qualquer coisa  
 Podes vir que has de me achar  
 Eu moro aqui neste campo  
 Chegando é só me chamar

Estando Moisaniel  
 Perto d'uma encruzilhada  
 Observou a conversa  
 D'um genio com uma fada  
 A fada contou ao genio  
 Tudo da serra encantada

Disse que o cetro e a corôa  
 Estavam em lugar reservado  
 Que havia numa cova  
 Dentro d'um quarto trancado  
 Não havia quem lá entrasse  
 Pois era bem vigiado

A cova dos objetos  
 Era de enorme fundura  
 E as paredes do quarto  
 Tinha um metro de grossura  
 Tambem tinha um cão de fila  
 Sentinela bem segura

Tinha uma cobra de bronze  
 Que ajudava a por sentido  
 E quem quer que fosse lá  
 Era por ela engulido  
 O cão entre os animais  
 Era sempre o mais temido

Moisanfel ouviu tudo  
 Que a fada ao genio dizia  
 E disse: Hei de me arriscar  
 Até descobrir um dia  
 E lembrou-se das promessas  
 Que o rato lhe oferecia

Foi ao Rato e ao tatú  
 Contou o que era passado  
 Foi onde estava o leão  
 E lhe disse: Estou veixado  
 Então o leão lhe disse:  
 — Tem ás ordens um criado

Ahí os trez combinaram  
 O tatú o Rato e o leão  
 Disse o Rato: Eu puxo o cetro  
 O tatú: Eu cavo o chão  
 O Leão disse: e eu acabo  
 Com a serpente e o cão

Se botaram para lá,  
 O leão logo investiu,  
 O carneiro foi á porta  
 Com uma morada abriu,  
 O leão matou o cachorro  
 E a serpente fugiu.

O tatú minou a cova  
 O cétro rato puchou  
 A corda que estava junta  
 O tatú a arrastou  
 Então de dentro uma voz  
 Lhe disse: Desencantou

Começa aqui, meu leitor  
 A conclusão dessa historia  
 O combate que teve  
 Para alcança a vitoria  
 Como ele casou com ela  
 Por causa de uma memoria

Moisaníel quando viu  
 Todos os objetos fóra  
 Abraçou todos os bichos  
 Lhes dizendo: eu vou embora  
 Parece que todo enigma  
 Foi desencantado agora

Os bichos se retiraram  
 E Monsaniel seguiu  
 Adiante encontrou o onagro  
 Montou-se nele e saiu  
 Chegou na cerca de pedra  
 Ahí o monte sorriu

Desembrulhou a corda  
 E o scétro que trazia  
 Ahí ouviu um estrondo  
 E uma voz que dizia:  
 Acabou-se todo encanto  
 Que aqui neste reino havia

Moisaniel viu então  
Se transformar o oiteiro  
A montanha era uma praça  
O rio era um banheiro  
O onagro era um creado  
E o veado um jardineiro

Agora vamos tratar  
Do resultado que deu  
O que o rei disse a ele  
Quando tudo recebeu  
E como a Moisaniel  
Esse rei agradeceu

Quando o rei desencantou-se  
Viu Moisaniel que vinha  
Sua corôa e seu catro  
Moisaniel já os tinha  
Aí ficou como um louco  
Deu parte logo a rainha

Vieram encontrar com ele  
O rei contente e veixado  
Moisaniel tirou tudo  
E ponde-se ajoelhado  
O rei tomou-lhe das mãos  
Nem disse: muito obrigo

Depois chegaram 3 moças  
Cada uma o abraçou  
Disse-lhe ali Angeltrina:  
A's tuas ordens estou  
Quer meu pai quera quer não  
Minha mão de esposa te dou

Chamava-se as 3 moças  
Algra, Lupy e Angeltrina  
Angeltrina era a mais velha  
Parecia ser divina  
Era a que tinha direito  
Ao reino da Pedra Fina

Então Angeltrina disse:  
Se meu pai quizer se opor  
Você não saia daqui  
Que serel a seu favor  
Me casarei com você  
Seja de qual forma for

Puchou do seio uma caixa  
Onde tinha uma memoria  
Deu-a a Moisaníel  
Dizendo: eis uma gloria  
Enquanto tiveres esta  
Podes contar com a vitoria

A memoria era de ouro  
Cravada com pedraria  
A qualquer hora da noite  
Clareava igual ao dia  
Depois disse-lhe: essa tem  
O que tú não avalia

Angeltrina foi ao rei  
Com calma lhe perguntou:  
— Meu pai o que dá ao homem  
Que o reino desencantou?  
— A morte... o rei respondeu  
E' o premio que lhe dou

Oh! meu pai, exclamou ela  
Isso é muita ingratidão  
Moisaniel lutou tanto  
E ter tal gratificação  
Uma pena tão cruel  
Isso é não ter coração!

Meu pai se lembro que disse  
Que se pudesse encontrar  
Quem desencantasse o reino  
Tinha de gratificar  
Com uma das suas filhas  
Ele havia de casar?

Então exclamou o rei:

Achas que devo casar  
Uma das filhas que tenho  
Sem primeiro consultar  
De quem procede este homem  
Se é de sangue ou titular?

Sem saber se sua origem  
Provem de sangue real  
Hei de casar minha filha  
Com pessoa desigual?  
Sem ser de linhagem nobre  
Fazendo assim óbro mal

Exclamou ela: meu pai  
Existe aí um motivo  
A destinação d'um monarca  
E' só enquanto ele é vive  
As cinza d'um soberano  
São as mesmas d'um cativo

Disse a rainha: Eu agora  
 Preciso entrar neste meio  
 Como casa uma princeza  
 Sem saber de onde veio  
 Esse que a vai desposar?  
 P'ra um monarca, isto é feio

Disse Angeltrina: Tambem  
 Se o meu pai refletisse,  
 Minha mãe como rainha  
 O contrato que assumisse  
 E' desalroso um monarca  
 Tornar d'aquilo que disse

O rei levantou-se e disse:  
 - Eu não hei de dispensar  
 Se você lhe prometeu  
 A mão de esposa lhe dar  
 Vá logo pensando n'outro  
 Que este eu mando matar

• Angeltrina retirou-se  
 Com essa taça de fel  
 E mandou rapidamente  
 Dizer a Moisaniel  
 Que o rei lavrou pra ele  
 Uma sentença cruel

Mandou lhe dizer tambem  
 Que não largasse a memoria  
 Que enquanto tivesse ela  
 Teria certa a vitoria  
 E não perdesse a esperança  
 Que alcançaria esta gloria

Moisaniel consultou  
Com a memoria que tinha  
E a memoria lhe disse  
Como seu carrasco vinha  
Deu-lhe uma folha de mato  
Uma pedra e uma varinha

Disse a memoria: está folha  
Forma uma mata escura  
Esta varinha uma cobra  
De pele caspenta e dura  
E esta pedra um leão  
De gigantesca figura

Quando foi no outro dia  
O rei viu que era hora  
Disse a um general d'ele:  
— Chame praça e vá agora  
Prender a Moisaniel  
E por-lhe a cabeça fora

Moisaniel a esta hora  
Ainda estava deitado  
Quando ouviu bater na porta  
E lhe dizer um soldado:  
Moisaniel se levante  
Você vai ser degolado

Ele pegando a varinha  
Disse: Quero uma serpente  
Apresentou-se uma cobra  
Grossa monstruosamente  
Com sete linguas na boca  
E em cada lingua um dente

O general correu logo  
Com a força que levou  
Chegou sem poder falar  
Nem dizer o que encontrou  
Quando disse tudo ao rei  
Ele em ouviu se assombrou

Disse a outro official  
Que levasse um batalhão  
Esse foi chegando lá  
Anunciou-lhe a prisão  
Moisaniel disse a pedra:  
Quero de ti um leão

Ahi cresceu um leão  
Rugindo com a voz rouca  
Deitando fogo dos olhos  
E fumaça pela boca  
Cada rugido que dava  
A tropa ficava môca

Então o official  
Tratou logo de correr  
Disse a sua magestade:  
—Eu nada pude fazer  
Pois o homem é encantado  
Quem for lá tem de morrer

Disse o rei: agora eu vou  
Quero ver este leão  
E essa grande serpente  
Que causa admiração  
Agora ha de se ver  
Se ele hoje morre ou não

Seguiu com 110 praças  
Quando chegou no jardim  
Foi dizendo: Moisaniel  
Conheças que vai ter fim;  
Moisaniel respondeu-lhe:  
— Não há rei que mate a mim

Pegou na folha de mato  
E disse: quero um tecido  
D'um mato cheio de espinhos  
Por todos desconhecido  
Que faça qualquer pessoa  
Dentro dele ficar perdido

De repente apareceu  
Uma mata mal escura  
Que dele não sairia  
A mais forte creatura  
Então o rei disse: agora  
Mudou tudo de figura

Logo que o rei se viu  
Dentro do mato feixado  
Vendo a hora e o instante  
De morrer asfixiado  
Chamou por Moisaniel  
Com écos de assombrado

Moisaniel perguntou-lhe:  
O que quer a magestade?  
— Quero que você me acuda  
Tenha de me piedade  
Estou morrendo sem folego  
Me ajude por caridade!

Moisanlel então disse:

— Só lhe acudo se me der  
A sua filha Angeltrina  
Para ser minha mulher  
Disse o rei quase morrendo:  
— Dou-lhe até as 3 se quizer

D'agora em diante o senhor  
Se tenha por genro meu  
Moisanlel desmanchou  
A mata que appareceu  
Casou-se no mesmo dia  
Eis o caso em que se deu

Casou-se Moisanlel  
Tornou-se um homem feliz  
Depois morreu o monarca  
A propria rainha quiz  
Que ele fosse corôado  
Por rei daquele paiz

No dia do casamento  
Moisanlel teve um sonho  
No qual algum lhe dizia:  
De tua sorte eu disponho  
Inda has de ter riqueza  
Mas contra isto me oponho

Desencantará o rio  
Que se mudará em ouro  
Mas gosarás pouco tempo  
O fructo desse tezoure  
Pois teu pai irá sofrer  
E recordarás em chôro

O rio era uma mina  
Que se mudara em banheiro  
Moisaníel acordando  
Desencantou-o ligeiro  
E entre os rios do mundo  
Foi tido como o primeiro

Eu que contei a historia  
Não sei quanto eu ganhei  
O nome de alcuviteiro  
De um amigo eu já levei  
Este nome de 11 letras  
Que toda vida abusei

Contar grandeza dos outros  
Sem coisa alguma ganhar  
E' fazer guisados ótimos  
Dá aos outros sem provar  
Cuama-se isso, fazer cama  
Para alheios noivos deitar

Feitores, eis a historia  
Exata da Pedra Fina...  
Angeltrina e Moisaníel  
Não desprezaram a sina  
Deus a eles protejeu  
Riqueza muita rendeu  
O desencanto da mina

Fim

*Leitura de Ganquahy*



## BIBLIOTECA DIGITAL ÁTILA ALMEIDA

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos da BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital — com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.**

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação de que uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br](mailto:atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br)).